

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

A TERRA NATAL E A FAMÍLIA

Francisco Cândido Xavier, nasceu a 2 de abril de 1910, no município mineiro de Pedro Leopoldo, uma cidade pequena, tranqüila, de tradição bandeirantes, sem atrações, vida pacata e comércio rudimentar, tendo apenas a agricultura como a base mais importante de subsistência. A chegada da indústria pesada, do aço, fábricas de cimento e outras, causou uma grande transformação no município, ocasionando inclusive o desenvolvimento e o aumento populacional. Em conseqüência, a vida pacata passou a não fazer mais parte do cenário de Pedro Leopoldo, onde hoje se conta com uma população de aproximadamente quarenta mil habitantes. Pedro Leopoldo ficou conhecida nacionalmente a partir da década de 30, quando chegaram às grandes cidades as primeiras notícias da fama de Chico Xavier. O pai João Cândido Xavier e a mãe Maria João de Deus, tiveram nove filhos: Maria Cândida, Luíza, Carmozina, José Cândido, Maria de Lurdes, Francisco Cândido, Raymundo, Maria da Conceição e Geralda.

Em 1915, Dona Maria João de Deus, percebendo a gravidade de sua enfermidade e pressentindo o desencarne próximo, entregou seus filhos a pessoas amigas, para cuidarem de sua educação. Diante de tais circunstâncias, Chico foi entregue a sua madrinha, Dona Rita de Cássia, mais conhecida como Ritinha.

Percebendo a separação de sua família, o menino Chico, perguntou a sua mãe o porquê daquilo estar acontecendo, sem compreender a gravidade da situação e, muito inocentemente, chegou a pensar que a mãe não os amava mais.

Dona Maria, conseguindo superar as emoções, lhe disse que se preparava para sair da casa em tratamento de saúde e que voltaria em breve para cuidar de todos. Resignado com a situação, aceitou as palavras finais de sua mãe, que veio a desencarnar no dia seguinte, 29 de setembro.

A PRIMEIRA MENÇÃO HONROSA

Os espíritos continuavam a enviar mensagens a Chico, mas ele receava ser rotulado de louco se comentasse com alguém as conversas que mantinha com "almas do outro mundo". Ele percebia os fenômenos mas ainda não sabia explicá-los. Chegavam a manifestar-se até na sala de aula, durante os quatro únicos anos de instrução primária que recebeu. O próprio médium conta que, em 1922, no primeiro centenário da independência do Brasil, todos os alunos tiveram que apresentar uma dissertação sobre a data. Antes de começar a dissertação Chico viu um homem ao seu lado ditando o que deveria escrever. Assustado foi falar com a professora que o aconselhou a escrever o que ouvira, tranqüilizando-o: "Ninguém lhe disse nada. O que você ouviu veio de sua própria cabeça". Com esse trabalho o garoto Chico recebeu a sua primeira Menção Honrosa.

EMMANUEL

Emmanuel, o principal guia espiritual de Chico Xavier, acompanha o médium desde que as primeiras manifestações espirituais se fizeram perceber pelos amigos, parentes e pelo próprio Chico. Quatro anos antes de encontrar o médium, Emmanuel já havia mantido contato com Dona Carmem Perácio numa reunião espírita realizada em Maquiné. Emmanuel identificou-se, na ocasião, como amigo espiritual de Chico, relatando a Dona Carmem que esperava apenas o momento certo para começar a "grande tarefa dos livros psicografados" através dele.

A CONFUSÃO DO NOME

Chico Xavier, ao ingressar para o serviço público como inspetor agrícola, precisou providenciar seus documentos pessoais. Junto com seu pai dirigiu-se ao cartório da cidade a fim de obter a sua certidão de nascimento. Qual não foi a surpresa de ambos, quando o funcionário do cartório não conseguiu encontrar ali o seu registro. Após várias horas de busca deparam-se com outras surpresas: o filho do Sr João Cândido Xavier ali registrado era Francisco de Paula Cândido, nascido a 2 de abril de 1910, quando o correto seria: Francisco Cândido Xavier, nascido em 2 de abril de 1910. Como não havia tempo para modificação naquele momento, seu nome assim permaneceu até 1965. Coube ao Meritíssimo Juiz de Direito da 2ª Vara de Uberaba, Dr Fábio Teixeira Rodrigues Chaves, retificar por sentença o seu nome, passando então a usar aquele que o tornara conhecido através das suas atividades mediúnicas. Portanto, para sanar qualquer dúvida, funcionário público, hoje aposentado do

Ministério da Agricultura, é o Sr Francisco de Paula Cândido. Francisco Cândido Xavier nunca existiu no quadro de funcionários desse Ministério, pelo menos até 1965. Refletindo sobre tal confusão, após algum tempo, o pai de Chico lembrou-se de que havia solicitado a um amigo para que fosse em seu lugar efetuar o registro de seu filho. Esse amigo, ao chegar ao cartório lembrou-se de que o dia 2 de abril era, segundo o calendário católico, consagrado a São Francisco de Paula. Foi então que decidiu registrar o menino como Francisco de Paula, completando com o primeiro sobrenome, Cândido, ao invés de Xavier.

A VIAGEM A BELO HORIZONTE

Em janeiro de 1933, Chico trabalhava no armazém de José Felizardo Sobrinho como balconista, recebendo quarenta cruzeiros mensais. O amigo José Álvaro, poeta e escritor, propôs-se a levá-lo para a capital mineira em busca de um melhor salário. João Cândido seu pai, ficou entusiasmado e incentivou o filho a aceitar a proposta. Chico defrontando-se com o dilema, consultou Emmanuel que lhe disse achar inoportuna a viagem, mas aconselhou-o a não desobedecer ao pai. Assim, ele resolveu viajar após conseguir uma licença no armazém. Diante de um novo mundo em Belo Horizonte, onde participava de convenções literárias e recebia visitas de todos os tipos, Chico teve seu primeiro contato com a fama, pois todos queriam conhecer o autor do Parnaso. Durante três meses, ele permaneceu em Belo Horizonte, mas as agitações e os elogios não foram suficientes para fazê-lo perder a humildade. Regressou a Pedro Leopoldo retomando suas atividades no armazém do senhor Felizardo.

ANDRÉ LUIZ

Emmanuel é o principal mentor de Chico Xavier mas não o único a lhe ditar mensagens profundas e cheias de ensinamentos. Outro espírito de luz a comunicar-se através da psicografia de Chico Xavier é um cientista brasileiro que até hoje mantém sua verdadeira identidade incógnita. Comunicou-se com ele pela primeira vez em 1943 e o médium quis saber de quem se tratava. No entanto, a entidade, apontando para o irmão de Chico que dormia no quarto ao lado, pergunta pelo seu nome. Chico respondeu: "André Luiz". Então, disse o espírito: "De agora em diante este será o meu nome". Muitos acreditam que André Luiz foi Osvaldo Cruz, o pioneiro da medicina tropical no Brasil ou Carlos Chagas. André Luiz descreveu em suas obras experiências fascinantes sobre a vida após a morte.

A ASSISTÊNCIA SOCIAL

Aposentado pelo Ministério da Agricultura, Chico intensificou seu trabalho de assistência social, juntamente com a comunidade espírita de Uberaba, tentando colocar em prática as orientações de André Luiz, que na primeira edição de seu livro Nosso Lar, redimensiona a solução para os problemas sociais e mostra a diferença entre os serviços social, profissional e a assistência empírica paternalista.

AS SENSAÇÕES

Sua fama e também sua debilidade física, obrigaram-no ao isolamento forçado, mas nunca se negou a receber alguém ou conversar sobre qualquer assunto. Na época da série de reportagens do jornal O Globo, ele descreveu como se sentia no momento em que psicografava ou incorporava espíritos. O depoimento é válido até hoje tanto para os estudiosos quanto para os leigos. Chico contou que a música produz em sua mente "uma excitação muito especial", que pode levá-lo ao transe. "Outras vezes", ele diz, "escrevo num estado semiconsciente, sonhando acordado". Mas, o que ele sente no momento em que começa a psicografar as mensagens? "Faço tudo mecanicamente", responde. "Um torpor pesado e prolongado me invade. O torpor é profundo, mas é preciso que haja silêncio absoluto. Um chamado brusco, por exemplo, me perturba, me sobressalta, causa-me até um mal psíquico"

TÍTULO DE CIDADÃO PAULISTANO - PARTE I

DIÁRIO DOS MUNICÍPIOS

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

4.ª SESSÃO ESPECIAL, REALIZADA EM 19 DE MAIO DE 1973

As quinze horas, com sr. Brasil Vita na Presidência, feita a chamada verifica-se a presença dos srs. Vereadores: Oliveira Laet, Antonio Sampaio, Aurélio de Andrade, Carlos Ergas, Celso Matsuda, David Roysen, Edson Tomaz de Lima Jorge Paulo, José Storópoli, Luiz Peixoto, Manoel Sala, Mário Osassa, Naylor de Oliveira, Nestor Ribeiro, Oswaldo Giannotti, Samir Achôa, Sampaio Dória e Arthur Alves Pinto.

Não compareceram os srs. Vereadores: Horácio Ortiz e Oswaldo Teixeira Duarte.

O **SR. PRESIDENTE** - Estão presentes 19 srs. Vereadores. Sob a proteção de Deus iniciamos nossos trabalhos.

Para comporem a Mesa tenho a satisfação de convidar os srs. Dr. Juvenal Rodrigues de Moraes, representante do sr. Governador Laudo Natel; Dr. Cyro Albuquerque, DD. Secretário do Trabalho; Deputado Federal Freitas Nobre; Senador Lino de Mattos. Presidente do Diretório Regional do MDB: sr. Paulo Aprodu, representante do sr. Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz: Dr. José Adriano Arrobas Martins, representante do dr. Hugo Iacorde Vitale, DD. Secretário do império: Eng. J.C.G. Marques Ferreira, representante do sr. Secretário da Agricultura: Dr. Paulo Machado de Carvalho, Secretário de Esportes do Município; D.A. Alice Pinto e Silva, representante do Prof. Edenvyr Machado, Secretário de Turismo e Fomento do Município; Cesar Julião de Sales, Prefeito de Pedro Leopoldo, cidade do homenageado; Dartagnam Barbosa, Presidente da Câmara Municipal de Pedro Leopoldo; Vereador Edson Quirino de Souza, representante do sr. Prefeito de Uberaba: Vereador Heitor Luiz da Costa Jr. Representante da Câmara Municipal de Uberaba; Vereadores Daltro Batista de Paiva e Alcides Ribeiro, também da Câmara Municipal de Uberaba; Caio Ramaciotti, representante do sr. Prefeito de São Bernardo do Campo; Dr. Gilberto Faria Rodrigues; Vereador Reginaldo Valladão, 1º Secretário da Câmara Municipal de Osasco.

Convido os nobres Vereadores Manoel Sala, Celso Matsuda, Samir Achôa, Oswaldo Gianotti e Mário Ossassa, para acompanharem o homenageado à nossa Mesa. Convido, também, o nobre Vereador Oswaldo Giraldes, autor da propositura.

- Acompanhado da comissão designada pelo sr. Presidente, toma assento à mesa o homenageado, sr. Francisco Cândido Xavier. (Palmas)

O **SR. PRESIDENTE** - Vamos ouvir, agora, pela Banda da Polícia Militar, o Hino Nacional Brasileiro.

- A Banda da Polícia Militar executa o Hino Nacional Brasileiro (Palmas)

O **SR. PRESIDENTE** - Srs. Vereadores, dignas autoridades aqui presentes; minhas senhoras e meus senhores.

Esta Sessão Especial da Câmara Municipal de São Paulo foi convocada por força do Decreto-Legislativo n. 8-72 oriundo do Projeto proposto pelo ex-Vereador Oswaldo Giraldes, e que mereceu a aprovação da unanimidade dos srs. Vereadores com assento na legislatura passada. Através do referido Decreto-Legislativo a Edilidade Paulistana outorgou ao sr. Francisco Cândido Xavier o título de cidadão Paulistano. Esta Presidência vai ler o inteiro teor do decreto Legislativo.

É lido o Decreto-Legislativo n.8-72

O **SR. PRESIDENTE** - Neste momento e com imensa satisfação esta Presidência fará entrega do pergaminho respectivo ao Cidadão Paulistano Francisco Cândido Xavier pedindo aos srs. Vereadores e à ilustre assistência para que, de pé, assistam ao ato solene.

É lido o seguinte:

TITULO DE CIDADÃO PAULISTANO

A Câmara Municipal de São Paulo, atendendo ao que dispõe o Decreto-Legislativo n. 8-72, concede ao sr. **Francisco Cândido Xavier**, Títulos de Cidadão Paulistano.

Câmara Municipal de São Paulo, 21 de Dezembro de 1972. O Presidente: Sampaio Dória - O vice-presidente: Samir Achôa; o Secretário Geral: Naylor de Oliveira - O Diretor Geral: Elias Shammass.

O **SR. PRESIDENTE** - Passo às mãos do homenageado o título de Cidadão Paulistano, (Palmas prolongadas).

Como orador oficial a Presidência designa, ira falar em nome da Câmara Municipal de São Paulo, o nobre Vereador Celso Matsuda, que está com a palavra.

O **SR. CELSO MATSUDA** - Dignas autoridades presentes; representantes de todas entidades aqui presentes; Exmo. Sr. Presidente e nobres Vereadores. Minhas Senhoras; Cidadão Paulistano Francisco Cândido Xavier.

Neste Sábado de Maio, a Câmara Municipal de São Paulo, a Câmara que exige para representar e decidir em nome do Povo, instalar-se pela primeira vez em sua História, ao ar livre e público para em sessão popularmente solene, conferir justa e autêntica homenagem a um homem que por distribuir amor e amizade - em seus atos, em seus pronunciamentos - faz crescer fé e esperança, neste povo que representamos.

Em nome do Digno Presidente da Câmara Municipal de São Paulo, o ilustre Vereador Brasil Vita, em nome de meus pares, aceite Chico Xavier - o mais novo cidadão Paulistano - a admiração e o carinho desta Casa.

Fruto de empenho de dois ex-vereador João Lemos e Oswaldo Giraldes - Chico, você nascido na nossa querida Minas Gérias - torna-se hoje, Cidadão Paulistano, filho de São Paulo, irmão dos paulistas.

Permita-me Chico Xavier, sem que o pedido se constitua afronta ou contrariedade à humildade que lhe é peculiar, que o trate, não mais por "você", mas que por força de imperativo regimental trate-o pela Segunda pessoa do plural.

Ilustre e digno Cidadão Paulistano Chico Xavier.

Bem seis que compreendeis a minha responsabilidade, tanto mais que brota de um coração e nasce deste iniciante modesto homem público, ainda jejuno nas lides políticas e que na Edilidade Paulistana tem a honra de representar considerável parcela da nossa juventude, Por isto, na oficial saudação, trago-vos, de modo especial e carinhoso, as homenagens dos jovens paulistanos.

Permita-me, porém mais uma vez, ilustre Cidadão Paulistano, ainda que rapidamente, traçar vossa biografia, na qual acham registrado alguns dos fatos mais marcantes da vossa vida dedicada ao "homem" e da qual pontilham e ressaltam os dotes de grandeza espiritual que exornam vosso caráter e personalidade.

Do vosso "curriculum-vitae", que os fatos históricos municipais incorporam ao seu patrimônio por merecimento e por justiça, constam as razões e os motivos justificados plenamente, e que determinaram a concessão da honraria que ora recebeis em nome do dinâmico povo bandeirante, outorgando-vos, com muita honra o título de "Cidadão Paulistano", mesmo porque, o vosso nome e a obra meritória que empreendeis, além de alcançarem todo o Brasil, extravasaram além de nossas fronteiras e limites repercutindo em todo o mundo.

E sobre serdes verdadeiro "Cristãos", que viveis a genuína prática as sagrada doutrina do Mestre Cristo, Senhor Nosso, num conseqüente e incansável trabalho extraordinário da mediunidade não só por encarnardes "Emmanuel" (Deus Conosco), na plenitude de todas as virtudes, desejo ressaltar por primeiro, a vossa impressionante e cativante "humildade", como se fôsseis o próprio Cristo, Senhor Nosso!

Ressalto nesta hora, embora rapidamente, a virtude sempre demonstrada do verdadeiro "amor" que possuis pelas almas, na ajuda que empregais na busca ansiosa da paz, do bem estar e da felicidade do "próximo".

Notório é o vosso interesse pelas obras de assistência social, Vosso desprendimento ao bens materiais, deles abrindo mão para mitigarem a fome de famintos e para agasalharem os desabrigados e os que sofrem os rigores dos invernos, bom reflete a nossa grandeza de alma e de coração!

Todavia cometeria eu imperdoável omissão, se além de todas as vossas virtudes, já tão conhecidas, públicas e notórias, se aqui não destacasse pelo menos mais três dentre elas, quais sejam:

- A de posição de verdadeiro "líder" encargo honrosos, que bem sabemos, relutais sempre em receberdes, face à humildade característica de vossa formação espiritual, privilegiada pelos Deuses, como diriam os antigos gregos, numa verdadeira demonstração de apreço daqueles que em vós reconhecem e encontram a figura do grande Condutor o "Ducere" espiritual.

- A figura que encarnais, de grande escritor mediúnico, psicografando mais de 120 obras, atingindo já suas edições número que ascene mais de 3.000.000 (três milhões) de exemplares, situação

privilegiadíssima que vos coloca como "Best-Seller" mundial e cujos direitos autorais são destinados à obra da caridade e à assistência espiritual!

- E representais ainda a figura de estremo patriota, amante incondicional da grandeza-pátria, pugnando e reivindicando para nosso Brasil querido a sua real posição de "Capital" e "Liderança", não só política, social, moral e econômica, como também "Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", já preconizada na obra psicografada em 1938 e da autoria do espírito de Humberto de Campos, dela e de outras obras fazeis aflorar nas vossas obras históricas imensurável conotação para melhor compreensão das origens espirituais que todos os grandes pensadores registram intuitivamente, "após estreitar contato com nosso povo e nossa terra!"

Com este bosquejo e rápido esforço, ressaltados os principais pontos que justificam por si só a concessão da honraria e que levaram os nobres Vereadores a outorgar-vos o título de Cidadania Paulistana, permiti-me ainda o mais jovem Cidadão Paulistano e ao povo aqui presente; a esta festa do coração para coração, que registro ainda nesta oração, para que ela se compete, os seguintes dados biográficos de nosso ilustre homenageado:

Francisco Cândido Xavier nasceu na cidade de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, em 2 de Abril de 1910.

Órfão de mãe aos cinco anos, desde cedo se habilitou as dificuldades inerentes às famílias numerosas, humildes e sem recursos. Aos nove anos de idade empregou-se numa indústria de fiação e tecelagem, trabalhando desde manhã até ao término de seus compromissos escolares, até às duas horas da madrugada, regime de trabalho que não se alterou após sua diplomação no curso primário, quando passou a ajudante de cozinheiro em conhecido estabelecimento de Pedro Leopoldo.

No ano de 1933 ingressou no funcionalismo público, como simples datilógrafo da Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura, ainda em sua terra natal. Transferiu-se para Uberaba, no Estado de Minas Gerais, em 1959, aí aposentando-se dois anos mais tarde, devido a grave enfermidade ocular, que desde a mocidade lhe tornara a visão monocular e extremamente reduzida.

A tarefa que desempenha é das mais intensas, no atendimento da volumosa correspondência e outros afazeres que fazem parte da sua vida cotidiana. Dificuldades se deita antes duas horas da madrugada.

Cinco anos após iniciar a sua graciosa missão no campo da mediunidade, Chico Xavier nosso Cidadão Paulistano, lançou em 1932, o célebre "Parnaso de Além túmulo" obra que alcançou enorme repercussão e que reúne poesias recebidas dos espíritos de Olavo Bilac, Castro Alves, Guerra Junqueiro, Casimiro de Abreu, Antonio Nobre e outros renomados poetas brasileiros e portugueses. Hoje, decorridos mais de 40 anos daquele lançamento e contando 45 anos de exercício ininterrupto da mediunidade, o famoso médium de Uberaba já lançou cerca de 120 obras literárias, atingindo suas edições cerca de 3.000.000 (três milhões) de exemplares número que não encontra paralelo na história da literatura. Seus livros correm o mundo em traduções para inglês, francês, Esperanto, Castelhana e mais recentemente japonês. Os direitos autorais de suas obras, sem exceção, são doados e destinados às instituições assistências.

É de ser destacados que a obra mediúnica de Francisco Xavier, tem sentido eminentemente evangélico-cristão e mesmo quando psicografa em função de temas científicos ou filosóficos, sociológicos, poéticos, infantis ou históricos, o que se observa é que o perfume da mensagem cristã ressalta e oloriza cada conceito.

Olhos voltados para Deus, mente cristocêntrica, Francisco Cândido Xavier se julga entretanto, um pequenino ser, liliputiano e ninguém o convence do contrário. Em razão de sua mediunidade, em singulares imersões no passado da raça humana, sua clarividência da milenária cadeia de vidas sucessivas e solidárias deu-se ao espírito já por pureza humilde e generoso, as razões para o reconhecimento da grandeza única de Deus e da pequenez espiritual de todos nós face à Majestade Divina. O Trabalho que desenvolve na época atual representa poderoso coadjuvante na ingente tarefa de aproximar a criatura do seu criador.

Por essas e outras razões nosso homenageado nesta tarde, conhecimento também como "Médium de

Uberaba", desfruta de prestígios singular, sendo reconhecido por todos espíritas e leigos como figura de inextinguível simpatia, já o tornando figura de lídima expressão nacional e de renome internacional.

Sua fama é crescente. Inúmeras cidadania em reconhecimento pelo seu destacado trabalho. Muitos órgãos da imprensa brasileira já lhe dedicaram longos editoriais e até mesmo edições especiais, como foi o caso recente do "Diário de São Paulo". A revista "O cruzeiro" também tem publicado com regularidade suas mensagens. Vários outros jornais e revistas, como ainda recentemente o fez "Fatos e Fotos", numa série de reportagens, destacando a obra de nosso ilustre homenageado. Não menos tem ele sido alvo da imprensa estrangeira.

Sua participação em programas de rádio e de televisão tem alcançado repercussão nacional e internacional e as entrevistas são publicadas em muitos órgãos noticiosos, como matéria obrigatória e não esquecendo ainda dos reflexos alcançados com a sua presença no "Pinga-fogo", da Televisão Tupi, Canal 4, de São Paulo.

Das afinidades muito profundas existentes entre nosso homenageado e nossa cidade de São Paulo, inclusive no que se refere ao Padre Manoel de Nóbrega, um dos fundadores da Cidade, por certo nosso ilustre Cidadão Paulistano a elas fará alusão oportunamente.

Eis porque a homenagem festa tarde se concretiza com a entrega deste título. Pela sua origem e pelos seus méritos, a cidadania paulistana que acabais de receber, dela se fez merecedor, pelo vosso esforço, pelo vosso trabalho e pela vossa contribuição relevante da doutrina e de vossa efetiva participação no desenvolvimento da verdadeira fraternidade cristã, demonstrada na prática da assistência social.

O título que a Câmara Municipal de São Paulo outorga nesta tarde, meus senhores, minhas senhoras, reveste-se de uma singularidade toda especial porque o homenageado, verdadeiramente reúne condições exigidas que se impõem à altura, grandeza da concessão de tão significativa e merecida honraria.

A outorga é fruto do exame acurado da pessoa e personalidade que honramos nesta tarde festiva, digna e credora da mesma fé e amor que distribui. Não representa, nem traz no seu bojo outro condão, senão o de honrar o seu mérito e de efetivar uma homenagens reconhecida e sincera do Povo Paulistano, representado por esta Casa Legislativa.

Ilustre Cidadão Paulistano aqui sentado recebido e agraciado, justa e merecidamente, quem faz e assim realiza, não somos nós mas este povo, seus irmãos listando, outorgando-vos a certidão de uma filiação adotiva, reconhecerá pôr vossos méritos e dotes que todos temos a certeza mais ainda dignificativa e honrará as nossas mais caras tradições.

E agora já no final desta oração extensa por necessidade e méritos de nosso ilustre homenageado, se por deficiência de tão alto encargo e se nenhum "engenho de arte" nela houve, permiti-me nós todos, ainda da mais uma vez mais, que deixe por fim e por memória mensagem psicografada pelo nosso homenageado e com sua permissão:

"Teu Livro

A existência na terra é um livro que está escrevendo...

Cada dia é uma página...

Cada hora é uma afirmação de tua personalidade, através das pessoas e das situações que te buscam.

Não menospreze o ensejo de criar uma epopéia de amor em torno de teu nome.

As boas obras são frases de luz que endereças à humanidade inteira.

Em cada resposta aos outros, em cada gesto para com os semelhantes, em cada manifestação dos teus pontos de vista e em cada demonstração de tua alma, grafas com tinta perene, a história de tua passagem.

Nas impressões que produzes ergue-se o livro dos teus testemunhos.

A morte é a grande colecionadora que recolherá as folhas esparsas de tua biografia, gravada por ti mesmo, nas vidas que te rodeiam.

Não desprezes, assim, a companhia da indulgência, através da senda que o Senhor te deu a trilhar.

Faze uma área de amor ao redor do próprio coração, porque só o amor é suficientemente forte e sábio para orientar-te a escritura individual, convertendo-a em compêndio de auxílio e esperança para quantos te seguem os passos.

Vive, pois, com Jesus, na intimidade do coração não te afastes dele em tuas ações de cada dia e o livro de tua vida converter-se-á num poema de felicidade e num tesouro de bênçãos.

EMMANUEL

(Páginas recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)".

Ilustre Cidadão Paulistano - Francisco Cândido Xavier.

Que Deus o Soberano de todas as vocações vos abençoe e vos guarde.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente e dileta assistência. (Palmas prolongadas)

O SR PRESIDENTE - Esta Presidência declara que se encontram presentes neste recinto ilustres representantes de Federações Espíritas de Outros Estados, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.

Esta Presidência recebeu, no decorrer da semana e ainda no dia de hoje, telegramas vindos de todas as partes do nosso País, onde as pessoas ligadas ou não ao mundo espírita hipotecam solidariedade a esta homenagem que a Edilidade Paulistana presta hoje a Chico Xavier. As pessoas por nos convidadas, por razões que não vêm a pelo, em suas justificativas declaram da impossibilidade de vir pessoalmente trazer a sua homenagem ao nosso Chico Xavier, mas de qualquer forma expressaram a sua vontade de, espiritualmente, estarem todas aqui presentes.

O nosso homenageado, para evitar uma longa denominação de federações espíritas representadas por ilustres presidentes e diretores, as autoridades presentes, quer em pessoa ou representadas, não fará menção particular a nenhuma delas e dirá apenas, dignas autoridades. Esta Presidência concordou com esta forma protocolar porque entende que é tal o número de cidadãos que se representam hoje aqui, ou entidades diretamente representadas pelos seus presidentes, que seria um nunca mais acabar de declinações de nossos de Sociedades. Assim entendeu esta Presidência que o nosso homenageado, ora Cidadão Paulistano, Chico Xavier, apenas dizendo "autoridades", terá feito menção geral de todos quantos aqui se encontram, honrados com a sua presença esta Sessão Especial; terá feito uma menção a todos quantos se fizeram representar e terá também feito uma alusão direta a todos quantos se manifestaram através de telegramas, cartas, ofícios ou outra forma de comunicação.

Nessas condições, evitando o Cidadão Paulistano Chico Xavier de declinar todos esses nomes terá, evidentemente, muito mais tempo de dizer a sua mensagem.

Tem a palavra o mais novo Cidadão Paulistano, Chico Xavier. (Palmas prolongadas)

A VIDA COM DONA RITINHA

Durante suas constantes crises nervosas, Dona Ritinha premiava Chico com surras que chegaram a acontecer até três vezes ao dia. Sua vida tão cheia de provações, certamente poderia torná-lo um ser revoltado e marginal. Tal fato ocorreria realmente se sua riqueza espiritual de médium não se manifestasse.

Certa vez, Chico dirigiu-se à madrinha muito feliz, dizendo que havia conversado com a mãe desencarnada. Foi o suficiente para receber uma surra extra. Essa conversa com sua mãe foi a primeira experiência de Chico no campo da mediunidade. No entanto, ele continuava a ter visões e conversas com sua mãe, o que sempre narrava à madrinha. Dona Ritinha decidiu então conversar a respeito com o pároco do local, o qual recomendou ao Chico que rezasse mil Ave-Marias com uma pedra de 15 kg em cima da cabeça durante a procissão. Não bastasse isso, Chico foi atingido por algumas garfadas, o que algum tempo depois transformou-se numa hérnia estrangulada, que o acompanha até hoje.

Em suas visões, a mãe o aconselhava a ter paciência. Explicava-lhe que não podia levá-lo para junto de si e procurava ajudá-lo a superar os maus tratos da madrinha. Outro fato lamentável ocorreu quando Dona Ritinha soube que a única maneira de curar a ferida infeccionada de seu outro filho adotivo, o sobrinho Moacir, era lamber-lhe a ferida durante três semanas seguidas, em completo jejum. Incumbido desta tarefa, Chico foi desesperado até o quintal, onde evocou o socorro de sua mãe. Recebeu dela palavras que naquele momento lhe confortaram. E quando iniciou a penitência, percebeu com surpresa

que sua mãe colocava um pozinho sobre a ferida. E assim, pouco depois a perna de Moacir estava curada.

Apesar de tantos maus tratos, até hoje nunca se ouviu uma só palavra de Chico Xavier queixando-se de sua madrinha. Ao contrário, ele diz que o temperamento de sua madrinha Rita era benévolo.

APROFUNDAMENTO NOS ESTUDOS DA DOCTRINA

Naquela época a maior dificuldade de Chico era conciliar a Doutrina Católica, que lhe era imposta, com as primeiras manifestações e conhecimento que obtinha do espiritismo.

Começou a ler sobre a doutrina espírita aos dezessete anos. Nesta época veio a perder sua segunda mãe, Dona Cidália, que desencarnou no dia 19 de abril de 1931. Seu pai não mais voltou a se casar, desencarnando no dia 6 de setembro de 1960, na cidade de Pedro Leopoldo aos 92 anos de idade.

Chico prossegue em seus estudos doutrinários apesar de o padre Sebastião, que era o conselheiro da família e o mesmo que lhe receitou as mil Ave-Marias como penitência para acabar com as "assombrações", deixar bem claro que a igreja Católica não aprovava o Espiritismo. Decidido que estava, Chico aprofunda seus conhecimentos pesquisando Allan Kardec e se dedicando cada vez mais ao desenvolvimento mediúnico.

AS PROVAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Em 1931, começaram os primeiros contatos entre Emmanuel e Chico. Nessa época Chico já sofria de uma doença complexa nas vistas: o deslocamento do cristalino, que, somado ao estrabismo da vista direita, incomodava-o dia e noite. Ele pediu ao mentor uma orientação sobre o tratamento que deveria seguir para amenizar o seu sofrimento. Talvez pensasse em obter uma cura imediata através dos poderes espirituais de Emmanuel, mas este lhe ensinou uma lição: não deveria esperar privilégios do mundo espiritual só porque havia sido escolhido para transmitir ensinamentos sublimes. Deveria tratar-se sim, recorrendo à medicina humana, que segundo Emmanuel, "está no mundo em nome da Divina Providência".

O desprezo de Chico pelos bens materiais e pelos cuidados com o corpo também não merece a aprovação de Emmanuel, para quem "o corpo é comparável a uma enxada e o homem lembra o lavrador. Todo cuidado do lavrador é necessário para conservar a enxada em condições de trabalhar com acerto e segurança". As lições foram assimiladas em parte. Chico começou a se cuidar, entretanto o seu intenso ritmo de vida não lhe permitia ter uma boa saúde, pois trabalhava praticamente o dia todo e dormia apenas três horas durante a noite.

Em sua juventude seu corpo ainda resistia. Porém, com o passar dos anos, as defesas do organismo foram se esgotando e nem com a ajuda da medicina terrena Chico escapou da debilidade progressiva. Desde 1976 sofreu crises de angina e dois enfartes. Após a última crise de angina, em março de 1982, precisou ser assistido permanentemente por um médico, o clínico geral Eurípedes Vieira, e tomar medicamentos diariamente.

O que a medicina dos homens não conseguiu curar foi o problema da visão. Mas uma vez Chico deu prova de que não se desviaria dos ensinamentos de Emmanuel ao recusar em 1969 uma oferta do médium Zé Arigó que desejava operar espiritualmente os seus olhos. "A doença é uma provação do espírito que devo suportar", respondeu Chico.

OS TRÊS PERÍODOS DE VIDA MEDIÚNICA

Mesmo sem tempo, Chico conseguiu desenvolver-se mediunicamente com a colaboração do casal Perácio. Em 1934, quando o casal transferiu-se para Belo Horizonte, a presidência do centro espírita de Pedro Leopoldo foi entregue a José Cândido Xavier, irmão de Chico. "Tive três períodos distintos em minha vida mediúnica", relata Chico Xavier, no início de Parnaso. "O primeiro, de completa incompreensão para mim, é aquele dos 5 anos de idade, quando via minha mãe proteger-me, até aos dezessete anos, quando a doutrina espírita penetrou em nossa casa. O segundo, de 1928 a 1931, no qual psicografei centenas de mensagens que os benfeitores espirituais, mais tarde, determinariam que fossem inutilizadas, porque em suas opiniões essas mensagens eram apenas esboços e exercícios. O terceiro período começou com a presença do nosso abnegado Emmanuel, que, em 1931, assumiu o encargo de orientar todas as atividades mediúnicas até agora".

AS SESSÕES ABERTAS AO PÚBLICO

Dois anos mais tarde, Chico tornou-se alvo de uma longa reportagem do jornal O Globo. Essas reportagens colaboraram para que a fama de Chico Xavier ultrapassasse os limites de Minas Gerais. A partir daí uma verdadeira romaria invadiu Pedro Leopoldo para conferir as habilidades de Chico Xavier. Chico não se sentia à vontade com a notoriedade e, mais de uma vez, manifestou seu temor de que a

fama excessiva pudesse prejudicar sua missão. Tal fato não ocorreu e o que ele não poderia imaginar era que anos depois seria conhecido e amado nos quatro cantos do país.

Nessa época o médium estava preocupado que as sessões abertas ao público, que era um trabalho sério que ele vinha realizando, se transformasse num simples show. Os textos eram psicografados por Chico Xavier em vários idiomas: inglês, alemão e até em sânscrito. Tal fenômeno era o que mais impressionava a leigos e estudiosos.

Emmanuel esperou por um período de dois anos e solicitou a Chico que as reuniões desse tipo fossem encerradas. Para o mentor o trabalho do médium vinha-se cercado de uma curiosidade improdutivo e isto certamente iria ameaçar a tarefa mais importante que seria a da divulgação de ensinamentos através de livros psicografados. Emmanuel sabia o que estava fazendo. Tanto é que a década de 30 foi a mais rica em termos de mensagens esclarecedoras. O mentor transmitiu toda a sua sabedoria em textos que tratavam dos mais variados temas, como Sociologia, Economia, Política, etc.

A TRANSFERÊNCIA PARA UBERABA

Em 1958, já com 48 anos de idade, Chico Xavier sofreu uma crise de hérnia estrangulada e foi internado no hospital São José Batista, em Pedro Leopoldo. A conselho do médico, Chico foi transferido para Uberaba no início do ano seguinte. Melhorou da hérnia e também de uma labirintite que o fez diminuir por algum tempo sua produção mediúnica.

Tanto Pedro Leopoldo como Uberaba estão no coração de Chico em igual plano. Ele define seu amor pelas duas cidades dizendo: "Pedro Leopoldo é meu berço e Uberaba é minha bênção".

A MISSÃO INTERNACIONAL

Em sua primeira missão internacional, Chico viaja para os Estados Unidos para auxiliar os espíritas brasileiros lá residentes. Esta visita foi programada e orientada por Emmanuel e André Luiz, surtindo como resultado a fundação "Christian Spirit Center" que tinha por objetivo difundir lá a doutrina espírita como é praticada no Brasil. Livros sobre o tema foram traduzidos para o inglês e até mesmo uma reportagem foi publicada sobre Chico Xavier na revista Cosmic Star, editada na Califórnia. A revista fez uma matéria a respeito de suas atividades e de sua comunidade em Uberaba.

Nesta mesma época Chico viaja para a Europa, onde encontra o estudo do espiritismo e a prática mediúnica desenvolvidos principalmente na Inglaterra. Ali ele afirma: "...os fenômenos mediúnicos são vivos em toda parte, mas na Inglaterra eles desfrutam de imenso respeito com as notáveis atividades que lhe são conseqüentes."

A partir da década de 60 a fama de Chico Xavier ultrapassa as fronteiras do país, transformando-o no mais famoso médium vivo no Brasil.

A HUMILDADE

Apesar de tantos livros editados e vendidos (mais de 406 títulos), ele recebe por mês apenas uma aposentadoria como ex-funcionário do Ministério da Agricultura. O dinheiro oriundo das vendas dos livros é doado às obras de caridade.

Hoje, apesar de sua idade e de todos os fatos que lhe ocorreram, Chico Xavier prossegue fiel em sua missão de revelar à humanidade a doutrina e os ensinamentos do Espiritismo. Jamais acusou alguém de ser mais ou menos bom para consigo, aceitando o ser humano como é, em nada o reprovando.

TÍTULO DE CIDADÃO PAULISTANO - PARTE II

DIÁRIO DOS MUNICÍPIOS

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

4.ª SESSÃO ESPECIAL, REALIZADA EM 19 DE MAIO DE 1973

O SR. FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Exmo. Sr. Dr. João Brasil Vita DD Presidente da Câmara Municipal de São Paulo; Exmos. Srs. Vereadores da Egrégia Câmara Municipal de São Paulo; Dignas Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes; Queridos Amigos de São Paulo:

De início, desejo fixar a minha imensa gratidão pelo acolhimento da augusta Câmara Municipal de São Paulo à nossa presença humilde; à generosidade da Comunidade Paulistana comparecendo à esta solenidade e a saudação imerecida, para mim formulada pelo digno Vereador Dr. Celso Matsuda, que me ecoou nos recessos do espírito.

A Câmara Municipal de São Paulo, atendendo à generosa propositura do Exmo. Sr. Vereador Oswaldo

Giraldes, a quem sou profundamente reconhecido, pelo Decreto Legislativo n. 8-72 de Dezembro do ano findo, outorgou a honrosa Cidadania Paulistana e aqui estou para agradecer.

Quase que traumatizado de alegria, diante de vossa grandeza de sentimento, debalde procuro, em meu estreito vocabulário pessoal, as palavras suscetíveis de me configurarem o reconhecimento. Em verdade não as encontro. Entendo, no entanto, que o Criador a nenhuma criatura deixa órfã e, se em matéria de comunicação, destinou o verbo claro e luminoso para as inteligências mais cultas, terá reservado a emoção espontânea e simples para aquelas outras que ainda não conseguiram realizar o seu próprio burilamento entre as quais se encontra este vosso obscuro servidor.

Falo-vos assim, unicamente com as forças do coração.

Revelai o esvalimento cultural e total com que compareço perante a vossa ilimitada bondade, mas é forçoso que me disponha a vasculhar o meu próprio íntimo para reconhecer que não mereço o elevado troféu que me atribuis. Efetivamente, nada fiz para conquistá-lo.

Compreendo, porém, que desejando manifestar o vosso apreço, para com a Doutrina Espírita, que amplia atualmente os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, em dimensões mais elevadas, quisestes demonstrar, mais uma vez, a vossa magnanimidade, trazendo a mim, até aqui - a mim o último dos últimos servidores das atividades espíritas evangélicas, a fim de recolher a nobre honraria de que toda a comunidade espírita-cristã do Grande São Paulo se faz credora.

Pequenino servidor vosso aqui me vejo para receber a elevada concessão, entretanto, cabe-me transferi-lo simbolicamente a todos os orientadores e companheiros das tarefas evangélicas na Capital Bandeirantes da quais a nossa muito digna União Social Espírita do Estado de São Paulo e nossa muito digna Federação Espírita do Estado de São Paulo são as nossas mais altas expressões. A elas, as magnas instituições que nos reúnem, a homenagens deste momento pelo muito que realizam em auxílio da nossa vida comunitária, compreendendo-se, outrossim que semelhante distinção qual a desta hora, significa respeito e benção da Cidade de São Paulo para com a Doutrina codificada, por Allan Kardec, à luz dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo traduzindo por isso, jubilo e responsabilidade par nós todos.

Embora assinalado a minha desvalia integral, recebo na condição de zelador o Diploma que a vossa generosidade em coloca nas mãos, por alto e benemérito instrumento de crédito que rogo a Deus me faça digno de merecer.

E rogo o consentimento da egrégia Câmara Municipal de São Paulo, aqui presente, para valer-me desta oportunidade, a fim de agradecer a todos vós, amigos queridos de São Paulo, os quatro decênios de carinho e abnegação que me tendes dado.

Desde 1932, quando os nossos Benfeitores Espirituais lançaram o primeiro livro de mensagens, por intermédio de minhas pobres mãos, tendes sido em meu caminho, apoio, estímulo ao trabalho, compreensão e devotamento.

Desde Pedro Leopoldo, a cidade prestigiosa e maternal que me deu berço e que me ensinou a amar-vos e a respeitar-vos, profundamente, até Uberaba, a cidade progressista e magnânima que me abençoa por filho e me proporcionou o honroso acesso a vossa grandeza e à vossa benemerência, sois em minha estrada, guardiães de minha coragem e força de que me alimento para a execução da tarefa que o Senhor, por acréscimo de misericórdia, me vem incumbindo, através daqueles que se fazem mensageiros da Infinita Bondade.

Quanto vos devo, só Deus sabe. E, para aumentar a importância do meu débito para convosco apoiaste a Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, para que este vosso servidor reconhecido viesse até aqui tentar retribuir-vos a confiança.

Edificado, em vossa magnanimidade, peço-vos para que nos unamos todos igualmente, nesta hora inolvidável, afim de felicitar-mos a muito digna Edilidade Paulistana, pela passagem do seu 413º Aniversário, neste mês de maio. (Palmas).

Ao ensejo, rogo-vos permissão para reportar-me, ainda que superficialmente, aos seus fundadores

místicos.

Conta-se que ao celebrar a primeira missa, na manhã de 29 de agosto de 1553, no alto do Inhapuambucú, hoje Pátio do Colégio nesta Capital, o eminente Padre Dr. Manoel da Nóbrega, fundador de São Paulo, considerada presentemente a cidade mais importante do Hemisfério Sul, foi visitado pelo Apóstolo São Paulo, que lhe apareceu nimbado de intensa luz, Redivivo, o amigo da genialidade apontou-lhe as campinas circunjacentes e lhe pediu fundasse, no Planalto Piratiningano, uma cidade, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se estabelecesse sobre as quatro colunas básicas do Cristianismo: amor e fé, trabalho e instrução.

Desde esse dia, entre o Tamanduateí e o Anhangabaú Padre Nóbrega dá-se pressa na fundação inicial do Real Colégio de Piratininga distribuindo encargos e responsabilidades entre os companheiros inesquecíveis, dentre os quais, o nosso admirável Apóstolo José de Anchieta, nas atividades do magistério, se incumbem das lições de Humanidade.

Manoel da Nóbrega, impressionado, medita na revelação com fora distinguido e recorda o encontro de Jesus o mesmo Apóstolo São Paulo, às portas de Damasco, nos dias do Cristianismo primitivo e delibera inaugurar as obras do Real Colégio de Piratininga, na data que relembra a conversão do notável Doutor de Tarso, 25 de Janeiro de 1554, com o estabelecimento definitivo da grande instituição.

Atento ainda à divina mensagem de que se fizera objeto, no dia mencionado, Nóbrega entrega o ofício da missa ao Reverendo Padre Manoel de Paiva e designa Anchieta para que desempenhe as funções de acólito na grande solenidade, e ele mesmo ora na expectativa de visões novas que lhe trouxessem mais amplos esclarecimento. Entretanto, ao invés de novas revelações, obtém na oração renovadas energias para trabalhar e trabalhar cada vez na consolidação da obra nascente. A cidade de São Paulo surgia, desse modo, ao calor da prece, entre o artesanato e o altar, no clima da fraternidade que Jesus nos elegera, bases de amor ao próximo e respeito recíproco, o único realmente capaz de assegurar-nos a ordem e a tranqüilidade na sustentação do trabalho e no alicerce das instituições que nos garantem a felicidade e o progresso.

Desdobra-se o Padre Manoel da Nóbrega em esforços múltiplos pelo engrandecimento e prosperidade da Vila em berçário de educação e serviços, paz e luz. Informado, mais tarde, de que a Câmara Municipal de Santo André da Borba do Campo passava enormes dificuldades para sobreviver recorre ao Desembargador Mem de Sá, então na Bahia, solicitando a ele a mundança da Municipalidade para a Vila de São Paulo. Obtida a concessão, Nóbrega que consagrara o Real Colégio de Piratininga ao Apóstolo São Paulo, recorda a Excelsa Maria de Nazaré, que todos veneramos por Nossa Mãe Santíssima, na Cristandade, por haver trazido até nós sublime presença de Jesus e que ele, escolhera para medianeira em sua vida apostólica, resolvendo invocar-lhe o amparo e a benção para a legalidade Paulistana. Escolhe, por isso, a data de 8 de maio de 1560, dia em que toda a Cristandade recorda a Anunciação Angélica para a Transferência da muito digna Câmara Municipal de Santo André da Borba do campo para a Vila de São Paulo. A ocorrência se inicia com absoluto respeito.

Acompanhado por numerosos portugueses e brasilíndios, Manoel da Nóbrega deixa a comunidade e Santo André da Borba do campo, pela madrugada, carregando os documentos históricos da transferência, sob a custódia da oração. É um prédio religioso que se efetua, de uma cidade para outra. Alcançado o destino, celebra-se missa, na manhã alta. Impressionada com o que vira, o grande sertanista João Ramalho, Vereador muito digno da Primeira Câmara Municipal de São Paulo, indaga de Nóbrega, quanto aos motivos de tantas cerimônias religiosas e o inesquecível sacerdote e jurista das nossas primeiras fundações respondeu que a Câmara Municipal de São Paulo estava nascendo nas terras de Santa Cruz para ser refúgio e fortaleza de Deus.

Impreganada de Deus esta Câmara Municipal garantiu a construção dos alicerces da Nacionalidade, desde quando se fez representada por Nóbrega e Anchieta, na formação do primeiro tratado de Paz das Américas, nos entendimentos de Iperoig, preservando o tesouro genético que lastrearia as gerações do Brasil cristão de hoje e mantendo a integridade do território brasileiro até à fundação da Real Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tanto quanto desde a organização das Bandeiras com que plantou a Civilização Cristã nas vastidões do País, até 28 de setembro de 1822 quando a Edilidade Paulistana, por documentação incontestável, sustentou o espírito democrático de nossas instituições garantindo as liberdades religiosas e sociais da Cristandade no Brasil e ainda agora a

Egrégia Câmara Municipal de São Paulo está presente em todas as realizações de vanguarda que impliquem no progresso e na propriedade em Deus nos reúne.

O mês de maio e o mês das mais significativas lembranças do Legislativo Paulistano, Peço porém o vosso consentimento para dizer que maio é, igualmente na atualidade, o mês das Mães. E rogo permissão ao Exmo Senhor Dr. João Brasil Vita e aos seus dignos Pares, na Egrégia Edilidade Paulistano, para homenagear nesta data a inesquecível mãe paulistana que zelou pela Municipalidade desta Capital, aquela que enfeitava o Paço Municipal do Real Colégio de Piratininga, com as suas orações e com as flores de nossas campinas e que amou a Câmara Municipal de São Paulo com enternecimento materno. Referimo-nos à Dona Izabel Ramalho, nascida Bartira (Palmas), filha de Tibiriça e Segunda da esposa de João Ramalho, o grande desbravador, a cuja memória endereçamos os nossos melhores pensamentos de apreço e gratidão.

Reverenciando o nome daquela que se erigiu em benfeitora maternal do Legislativo Paulistano, em seus primórdios, peço consentimento deste respeitoso legislativo para homenagear, nesta hora, com o nosso agradecimento a todas as senhoras mães paulistas e paulistanas, e todas as mães brasileiras aqui reunidas (palmas).

Das senhoras e senhoritas espíritas-cristãs de minha intimidade, que se levantam por verdadeiros esteios de proteção da nossa vida comunitária e que abraçam a maternidade espiritual, junto de todos os nossos irmãos em dificuldades maiores do que as nossas, senhoras e senhoritas vinculadas a generosidade paulistana, rogo vênias para lembrar aqui os nomes das Exmas. Senhoras: D. Luzia Gonçalves Pereira (Palmas) D. Oslávia Leonis (Palmas), D. Cecília Pinheiro, (palmas), D. Maria Eunice Lucchesi (Palmas), D. Encarnação Blasques Galves (palmas), D. Marlene Severino Nobre (Palmas). Senhorita Rute Pitombo (Palmas), Senhorita Dra. Isolda Dias (Palmas) D. Lucy Sandall Andrade (palmas) D. Maria Augusta Pullmann e sua querida filha D. Nancy Pullmann de Girolomo (palmas), D. Guiomar Albenesi (palmas), D. Judite Figueiredo (palmas), D. Maria Janoni (palmas), D. Maria Feola (palmas), e tantas outras que o tempo não nos permite enumerar.

Entretanto, homenageamos ainda e com a nossa maior veneração, admiráveis mães paulistanas vinculadas a outras respeitáveis províncias religiosas, mentoras e benfeitoras da vida social em São Paulo, cujos nomes peço licença para pronunciar com máximo apreço, quais sejam as Exmas. Senhoras: Dona Leonor Mendes de Barros (palmas) que tantas vezes manda abrigar ou agasalhar nas noites de frio os necessitados itinerantes que acorrem à Cidade de São Paulo buscando assistência, a fim de que não adoçam ou pereçam diante da intempérie; Dona Erna Belian Wemsdorf (palmas) organizadora emérita de trabalho e proteção para milhares de criatura; Dona Carmen Prudente (palmas), que se transformou em anjo redentor de nossos irmãos cancerosos; Dona Alda Moreira Strassula, (palmas), benfeitora incansável dos necessitados e dos nossos irmãos excepcionais; a Irmã Maria Luiza de Marilac (palmas), coração aberto ao socorro de quantos lhe recorrem às virtudes e Dona Zilda Natel (palmas) a Exma, Esposa do Exmo. Sr. Dr. Laudo Natel, Digno Governador do Estado de São Paulo (palmas) que, desde muito se erigiu em jovem Mãe Espiritual dos sofredores amparando e abençoando não apenas as crianças mas também transfigurando criaturas inválidas em homens e senhoras úteis à nossa vida social.

Peço-vos ainda permissão para recordar com enternecidade reverência grande dama do Estado de São Paulo do Brasil e do mundo, damas ilustres e digna, cuja presença procuro ansiosamente neste recinto.

Este Ginásio que guarda o nome de um dos mais ilustres cidadãos de São Paulo, o Sr. Dr. Paulo Machado de Carvalho (palmas) e para o qual a Egrégia Câmara Municipal de São Paulo generosamente se transferiu para esta solenidade, tem as portas voltadas para a rua com que a Capital Bandeirante homenageia a cidade de nascimento de minha benfeitora - Rua Capivari!... Capivari é o berço de Dona Tarsilha do Amaral, de quem me lembro nesta hora com o meu mais respeitoso sentimento (palmas).

Se ela estivesse neste mundo, de certo recusaria esta homenagem, mas Dona Tarsila do Amaral não mais se encontra entre nós. Ela prometeu que estaria nesta solenidade, em sua cadeira de rodas.

Visitei-a no dia 22 de dezembro passado, no Hospital da Beneficência Portuguesa, 2 dias depois do Decreto Legislativo que me proporcionou a honra de vir receber o Diploma desta digna Edilidade, para

a comunidade espírita evangélica de São Paulo. Entretanto, nos primeiros dias de Janeiro findo, a vontade do Senhor transferiu-a para espiritualidade Maior. Ela, grande dama católica aceitava a minha amizade de espírita e de médium espírita, com bondade inesquecível, sem questionar as minhas convicções. Orava em cores, produzindo telas que não são apenas o encanto e a riqueza do Brasil e do mundo, ma igualmente a base do câmbio de amor com que Dona Tarsila do Amaral conversa as suas criações artísticas na pintura, no desenho, na imagem e na escultura em pão e agasalho para os nossos irmãos em Humanidade, erguendo-os da penúria para a dignidade do trabalho e da vida. Embaixatriz de nossa cultura, várias vezes, em países de outros continentes, Dona Tarsila do Amaral sabia inclinar-se em favor dos pequeninos, soando-lhes grandeza e bondade, amparo e coração, conversava com este vosso obscuro servidor, com respeito às nossas crianças e enfermos necessitados, com a mesma generosidade e atenção com as quais se entretinha junto de amigos íntimos, em torno de respeitáveis personalidades do Brasil contemporâneo, quais sejam Dona Olivia Guedes Penteadó, Dona Anita Malfati, Brecheret ou Mário de Andrade. Dona Tarsila do Amaral trabalhando infatigavelmente numa cadeira de rodas, muitas vezes, me erguia o espírito, renovando-me as forças para trabalhar; católica fervorosa, acreditava tanto quanto eu que Jesus é o senhor de nós todos; que a Ressurreição do divino Mestre é sublime a herança de todos os cristãos; que os gênios do Brasil não estão mortos; que os inolvidáveis fundadores da civilização paulista e brasileira estão vivos em outras condições de imortalidade cooperando em nosso favor, ela acredita tanto quanto eu, que eles, os pioneiros de Jesus Cristo na terra abençoada que nos concede o privilégio de viver e servir, entregando o melhor de nós mesmos para a vitória do Bem nos auxiliarão a humanizar a Tecnologia do mundo moderno, a conservar a nossa fé cristã, as nossa tradições e os nossos lares e a preservar os nossos templos sejam quais forem as nossas confissões de fé viva desde que Jesus brilhe em nossos campos de pensamentos e emoções. Dona Targila do Amaral admitia, tanto quanto nós a violência e o ódio nada edificam, que podemos caminhar com as mãos de Jesus e com a paz de Jesus para as vanguardas do progresso. (palmas)

Nesta hora, penso em Dona Tarsila do Amaral com o mesmo fervor de ternura e respeito, com que penso no Espírito de minha mãe, no Espírito de minha mãe que está presente, que me abençoa e a quem peço também para abençoar-vos (palmas).

Guardo a certeza de que Dona Tarsila do Amaral não está entre as nossas relíquias marmorizadas do Consolação, onde vou e irei sempre reverenciar-lhe a memória. Ela estará conosco, por luz de nossos caminhos e inspiração de nossa marcha em demanda ao porvir com Jesus e por Jesus.

E porque as lágrimas me banham as palavras, renovo os meus agradecimentos a Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, na digna pessoa do seu digno Presidente, Dr. João Brasil Vita, e, na presença muito digna de todos os senhores Vereadores da Edilidade Paulistana e de todas as dignas autoridades aqui reunidas, agradeço a consideração e a distinção com que o Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo e os Excelentíssimos Senhores Edias do Legislativo Paulistano me tratam nesta hora, como sempre me trataram.

Agradeço a presença de todos os amigos que vieram compartilhar de minha alegria, da nossa alegria, neste ápice de minhas responsabilidades. Agradeço Pedro Leopoldo o privilégio de haver nascido entre os meus conterrâneos que me ensinaram desde cedo a amar o trabalho e a religião. Agradeço à Uberaba a Hospitalidade e o carinho, a benemerência e a generosidade com que me acolhe desde muito tempo, que eu possa retribuir em cousa alguma, senão com as minhas preces nas quais rogo a Deus por sua felicidade a progresso. Agradeço ao nosso distinto muito digno vereador Dr. Celso Matsuda pela saudação carinhosa e enaltecadora, conquanto imerecida por mim. Agradeço a presença dos nossos caros amigos do Rio de Janeiro, de Brasília, de Belo Horizonte, de todas as cidades do País aqui representadas e peço a todos a devida permissão para abraçar, com muito respeito na Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, toda a benemérita e ilustre Capital de São Paulo, com todos os seus representante, com todos os seus templos religiosos instituições históricas e culturais, industriais, conquistas, patrimônios, valores e dignidades, com tudo de grande e belo, sublime e nobre elevado e útil que São Paulo representa em favor de nós todos, na grandeza do Brasil. Por fim, rogo a todos a devida licença, para agradecer a toda a Cidade de São Paulo e a saudá-la com o respeito máxima e com o maior reconhecimento, a São Paulo, onde todos nós os filhos de todos os Estados do País, - filhos de todos os recantos da terra que Deus nos concedeu, - sentimos o orgulho feliz de ser brasileiro.

Que Deus a todos nos abençoe. (Palmas Prolongadas)

O SR. PRESIDENTE - Esta Presidência agradece a presença do Dr. Juvenal Rodrigues de Moraes, que representa S.Exa. o Sr. Governador do Estado, Laudo Natel.(Palmas). Agradece a presença do Dr. Ciro de Albuquerque, DD. Secretário do Trabalho.(Palmas); do eminente Deputado Federal Freitas Nobre .(Palmas); do digno Senador da República, Lino de Mattos, Presidente do MDB, em São Paulo, (Palmas); do Dr. César Julião de Sales, DD. Prefeito de Pedro Leopoldo. (Palmas); do Sr. Dartagnan Barbosa, DD. Presidente da Câmara Municipal de Pedro Leopoldo. (Palmas); Da.Alice Pinto e Silva, representante do Prof. Edeny Machado, Secretário de Turismo e Fomento do Município, (palmas). Do representante de S.Exa. o eminente Prefeito Municipal de São Paulo, Prof. José Carlos de Figueiredo Ferraz, (palmas); dos representantes de todas as dignas autoridades, desde os caigapós amazonenses às pradaria gaúchas, dos xaraés de Mato Grosso ou das caatingas nordestinas todos irmãos brasileiros que aqui vieram para homenagear o eminente Cidadão Paulistano Chico Cândido Xavier. (palmas).

Quero agradecer em nome dos 21 Srs. Vereadores de São Paulo a magnífica compostura do povo aqui presentes, que de maneira ordeira e respeitosa se conduziu durante os trabalhos. (palmas).

Quero agradecer à Polícia Militar que com, a sua presença, deu melhores condições de brilhantismo à homenagens. (palmas).

Aos dignos membros da Polícia Civil de São Paulo e do DOPS que aqui comparecem prestigiando o homenageado.(palmas) E gostaria também de agradecer à direção do Ginásio do Estado Paulo Machado de Carvalho. Dr. Washington Pelúzio, que nos recebeu de maneira tão generosa, como generoso é o Cidadão aqui homenageado.(palmas).

E por derradeiro, gostaria também de agradecer a presença do nosso hoje Conterrâneo Chico Xavier.(palmas) Congratulando-me com a sua menagem de amor e de carinho que transmitiu quando das palavras de agradecimento.

A todos, enfim, a todos quantos comungaram nesta festa de verdadeira solidariedade humana, de amor, de carinho, a todos quantos emprestaram com sua presença, nesta soma de parcelas emotivas, todo o carinho e ad evoção que devemos ao homenageado, em nome da Edilidade paulistana agradeço comovido esta demonstração carinhosa e declaro encerrados, os nossos trabalhos, pedindo a Deus que festas desta natureza se repitam em todo o Brasil.

Estão encerrados os nossos trabalhos (Palmas).

SEGUNDO CASAMENTO DO PAI

A permanência de Chico junto a Dona Ritinha durou dois anos. Em 1917 seu pai casou-se em segundas núpcias com Dona Cidália Batista, de cuja união a família Xavier se viu aumentada em seis filhos: André Luís, Lucília, Neusa, Cidália, Doralice e João Cândido.

Dona Cidália fez questão de reunir todos os filhos de João Cândido. Foi quando Chico mudou-se para junto deles. Foram dez anos de compreensão e muito carinho entre pai, mãe e quinze filhos!

FATO DECISIVO

O fato que levou decisivamente Chico Xavier a se dedicar à tarefa mediúnica ocorreu no mesmo ano de 1927. Uma de suas irmãs ficou em estado de profunda obsessão, atormentada durante dias por maus espíritos. Chico procurou o amigo José Hermínio Perácio, espírita convicto, que lhe ofereceu sua casa para um tratamento adequado. José e sua esposa Carmem, uma médium experiente, conseguiram curar a irmã de Chico através dos ensinamentos da doutrina espírita e do desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas. Ainda na residência do casal espírita, na Fazenda Maquiné, situada no município de Curvelo, a 100 km de Pedro Leopoldo, Chico e sua irmã receberam mensagens tranqüilizadoras da mãe. Assim, a irmã voltou para a sua casa completamente curada e Chico sem qualquer dúvida a respeito da verdadeira face do espiritismo. Desde então ele organizou e passou a reunir um grupo de crentes para estudar e desenvolver a doutrina. Tal passagem é narrada no prefácio de Parnaso de Além Túmulo, onde confessa: "...foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente, semimecânico, sentindo-me muito feliz, datando daí o ingresso do meu nome nos jornais espíritas onde comecei a escrever sob a inspiração dos bondosos mentores que nos assistiam".

TRABALHO MATERIAL

Desde os 8 anos Chico trabalhava para ajudar no sustento da família e poucas foram as horas vagas para dedicar-se ao Espiritismo. Foi operário em uma fábrica de tecidos, trabalhou como servente de fiação, servente de cozinha no bar de Claudovino Rocha, caixeiro no armazém de Felizardo Sobrinho e, finalmente, inspetor agrícola. O emprego de servente de cozinha fez nascer em Chico o hábito de preparar suas próprias refeições.

A VIDA PREGRESSA DE EMMANUEL

Após inúmeros contatos com Emmanuel, Chico conseguiu saber algo sobre a vida pregressa do espírito benfeitor: ele esteve na pele de um senador Romano da Judéia, Publius Lentulus, casado com Lívia, com quem teve um filha de nome Flávia. Sua vida era cercada de luxo e ostentação, totalmente devotada ao imperador César, enquanto que Lívia dedicou sua vida a Deus. Presenciou da arquibancada de honra do Circo Máximo, a execução da mulher que amava e que se convertera ao cristianismo, sem manifestar qualquer reação que impedisse a ocorrência funesta.

Desencarnou tragicamente, no ano de 79, em Pompéia, quando da erupção do Vesúvio. Anos mais tarde, reencarnou como Nestório, negro de grande cultura. Foi feito escravo pelos romanos e comprado por uma família nobre de Roma que o aproveitou como professor. Cristão desde a juventude, foi um dos assistentes das pregações evangélicas do apóstolo João Evangelista em Efeso. Frequentava as reuniões nas catacumbas e, certa noite, na ausência do pregador Policarpo, substitui-o encaminhando a palestra. Após belíssimos ensinamentos, ele e todos os que o ouviram, foram presos e condenados a morrer a flechadas e a serem devorados pelas feras no Circo Máximo.

A mais recente reencarnação de Emmanuel teria sido como o Padre Manuel da Nóbrega, primeiro apóstolo do Brasil. Nasceu em Sanfins, Portugal, em 18 de outubro de 1517 e desencarnou no Rio de Janeiro, no Colégio dos Jesuítas, por ele mesmo construído, no ano de 1570, no mesmo dia e mês de seu nascimento, contando com 53 anos de idade sendo a tuberculose a causa de sua morte.

Mesmo sentindo que Chico estava preparado para receber mensagens psicografadas, Emmanuel impôs uma condição básica para trabalhar ao seu lado: que o médium seguisse, acima de tudo, os ensinamentos de Hippolyte Léon Denizard Rivail, cognominado Allan kardec (03/10/1804 - 31/03/1869). A orientação é seguida à risca até hoje. Chico se limita a aprender e a transmitir os ensinamentos codificados por Kardec. A humildade é sempre presente nas atitudes de Chico, que revela aversão à idolatria e à tentativa de alguns que desejam mitifica-lo.

DESENCARNE DO IRMÃO

Com o desencarne de seu irmão e companheiro de luta, José Cândido Xavier, em fevereiro de 1939, Chico Xavier passa por mais um momento doloroso em sua vida. Acumulou então a tutela dos sobrinhos e da viúva Geni, companheira nas atividades espirituais, porém muito doente. Chico desdobra-se entre o trabalho no armazém durante o dia todo e à noite participando das sessões espíritas.

Nesta época ocorre mais um fato curioso: seu irmão deixara uma grande dívida referente à conta de luz. Com o que Chico ganhava era impossível liquidar tal débito. Um dia, sentado à porta de sua casa, recebeu a visita de um estranho que lhe diz ter vindo saldar uma dívida contraída há tempos atrás. Chico recebe o envelope, agradece ao estranho e, quando este se vai, abre o envelope e encontra ali a quantia exata para quitar a dívida deixada por seu irmão.

OS FENÔMENOS DE EFEITOS FÍSICOS

Chico Xavier não apenas psicografava como também realizava fenômenos de efeitos físicos. Certa vez perfumou a água que os assistentes traziam. De outra vez, o ar. Contam algumas testemunhas que Chico, certa ocasião foi rezar ao lado da cama de uma mulher muito doente e sem esperanças de vida. Enquanto o médium rezava, pétalas de rosas começaram a cair do teto sobre a doente. A mulher veio a desencarnar sem sofrimento, durante aquela madrugada. Após algum tempo desse acontecimento, Emmanuel intercedeu junto a Chico Xavier recomendando a suspensão dos trabalhos de efeitos físicos. À medida que sua fama se propagava, cresciam também histórias dos poderes do médium, levando-o por diversas vezes a ter que esclarecer o público sobre a inveracidade de ser capaz de fazer um cego enxergar ou um paraplégico andar.

PRÊMIO NOBEL

Seu valor não ficou provado apenas pelos mais de cem títulos de cidadania que recebeu no Brasil. A comissão que organizou sua candidatura ao Nobel referiu-se ao trabalho do médium em prol da assistência social. É bem verdade que este reconhecimento não é unânime, pois o velho presidente da

Academia de letras, Austregésilo de Athayde, declarou solenemente: "Aqui na Academia não conheço ninguém que se interesse por livros dele."

A indiferença da Academia não interfere no prestígio que Chico acumulou em mais de 60 anos de trabalho honesto e humilde. Prova disso foi a grande campanha realizada para que recebesse o prêmio Nobel da Paz em 1981, onde cerca de dez milhões de brasileiros endossaram a campanha, assinando manifestos e cartas.

UM HOMEM E SUAS OBRAS

Otimismo e Esperança ?

Procure nas obras de Chico Xavier !

Momentos de Dor ?

Leia as obras de Chico Xavier !

Momentos de Alegria ?

Procure nas obras de Chico Xavier !

Perda de entes queridos ?

Conheça as obras de Chico Xavier !

Um caminho a seguir ?

Leia nas obras de Chico Xavier !

Um exemplo de vida ?

Procure nas obras de Chico Xavier !

Um momento de Paz ?

Encontre nas obras de Chico Xavier

História do Cristianismo ?

Olhe nas obras de Chico Xavier ?

Opiniões para o dia-a-dia ?

Procure nas obras de Chico Xavier !

História Brasileira ?

Leia nas obras de Chico Xavier !

Dúvida Científica ?

Conheça as opiniões das Obras de Chico Xavier !

Conheça, leia e divulgue as obras de Chico Xavier

Sufrimento próximo ?

Fortaleça-se nas obras de Chico Xavier !

Uma decisão a ser tomada ?

Consulte as obras de Chico Xavier !

Chico Xavier, ontem, hoje e sempre !

Vale a pena Conhecer.

Jesus

Está nas obras de Chico Xavier !

Kardec

Está nas obras de Chico Xavier !

Sobre

RELIGIÃO;

CIÊNCIA;

FILOSOFIA;

DIA-A-DIA;

ESPERANÇA E OTIMISMO;

EXEMPLOS;

HISTÓRIA.

Você encontra na Psicografia de Chico Xavier.

Bezerra de Menezes

Eva Patrícia Baptista

(graduanda do curso médico).

Estudo sobre o grande médico e espírita, denominado o "Kardec brasileiro", apresentado em palestra no NEU-UERJ/Faculdade de Ciências Médicas em outubro de 1999.

Escolhemos para falar hoje não só por ele ter sido médico e espírita, mas principalmente pela sua vida na Terra ter sido um modelo. Adolfo Bezerra de Menezes foi conhecido em seu tempo com o Médico dos Pobres. Isto porque ele fazia mais do que ouvir o paciente e prescrever um receituário com remédios homeopáticos (ele foi um médico homeopata). Ele sofria também com o sofrimento de seus pacientes. Era todo amor e bondade, alimentava sempre o desejo de ser útil e procurava a todo instante arrancar de seu interior os maus instintos naturais e substituí-los pelas virtudes cristãs.

Uma vez escreveu sobre a maneira de proceder do verdadeiro médico, dizendo: O médico verdadeiro não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto. O que não atende por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou pôr ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe, ou no morro; o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem chora à porta que procure outro - esse não é médico, é negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura (...).^{1,2}

E realmente, Bezerra foi capaz de demonstrar na sua vida que realmente praticava seus ideais de amor cristão para com seus semelhantes. Conta-se que numa tarde, depois de haver vivido um dia cheio na sua tarefa crista, em que consolou e esclareceu, medicou e apaziguou infinidades de irmãos, chegou ao Lar sentindo-se cansado e preocupado, tanto mais que sua filha Evangelina, apelidada de Nhanhan, achava-se febril, abatida, desassossegada.

Descansa, depois de haver tomado seu banho e jantado, quando, à sua porta chega uma senhora aflita e lhe pede, entre soluços, em nome de Jesus, para ir ver sua filhinha que se achava febril, abatida, desassossegada. Bezerra se comove com as lágrimas maternas. Pensa na sua filha também doente, a quem dera assistência e de cuja enfermidade não encontrava a causa. Sente-se também cansado e com as pernas inchadas.

Mas a irmã a sua frente era um estátua viva de dor e aflição e o chamava em nome de Jesus! Não podia desatendê-la. E diz para sua querida esposa, que o observava atenta e também aflita, procurando adivinhar sua solução e pedindo-lhe, pelo olhar, que não fosse:

- Minha filha ficará sob os cuidados de Jesus. E, em Seu nome, vou cuidar de outra filha. Até já.

E segue com a mãe aflitiva. Sobe e desce morros. Depois de caminhada exaustiva, chega. Realiza sua tarefa, medicando a doentinha, dando-lhe passes, receitando-lhe alguns medicamentos e colocando-lhe à mesa algum dinheiro. E sai, deixando a doente melhor e a mãe consolada e agradecida, a dizer-lhe: Vá com Deus, Dr. Bezerra! Que Deus lhe pague o bem que me fez! Que possa encontrar sua filha melhor!

Chega ao lar tarde da noite. Encontra tudo aquietado. E, receoso, pensando haver a filha piorado e até desencarnado, entra às pressas. E encontra a esposa dormindo numa cama, e, noutra, sua Filha também dormindo e sem febre...

Ali mesmo, em silêncio, ajoelha a alma e agradece ao Divino Mestre por lhe haver sentido o testemunho e medicado a filha, aquela que, mais tarde, em plena primavera de seus 18 anos, seria chamada à espiritualidade para ser, de mais alto, seu anjo e seu estímulo.¹

Podemos ver que Bezerra de Menezes era mais do que um simples médico chegando-se mesmo a pensar se as curas que operava se deviam aos remédios homeopáticos que ministrava ou eram resultado dos fluidos energéticos de amor que emanavam a todo instante de sua alma. Ele receitava pelos lábios e pela pena. Pelos lábios: conselhos, vestidos de emoção e ternura, acordando nos consulente o Cristão que dormia; pela pena, homeopatia, água fluídica e passes. E finalizava pedindo que cada um tivesse às mãos, no lar, o Grande Livro, o Evangelho Segundo o Espiritismo, que o lesse com alma, com sinceridade e confiança no seu Autor, Jesus Cristo! E como os resultados eram promissores, cada doente deixava seu consultório satisfeito, melhorado pois que havia deixado lá dentro o seu peso, a sua tristeza, algo que o oprimia.¹

Escreveu-nos uma vez Joaquim Murtinho também médico homeopata e operador de muitas curas maravilhosas: os ensinamentos da fé constituem receituário permanente para a cura positiva as antigas enfermidades que acompanham a alma, século trás século (...) Se o homem compreendesse que a saúde do corpo é reflexo da harmonia espiritual, e se pudesse abranger a complexidade dos fenômenos íntimos que o aguardam além da morte, certo que se consagraria à vida simples, com trabalho ativo e a fraternidade legítima por normas de verdadeira felicidade²

De uma feita, um pai de família pede-lhe, chorando, um óbolo, uma ajuda em dinheiro para enterrar o corpo de sua esposa, que desencarnara, deixando-lhe os filhos menores doentes e famintos. Bezerra procura algo nos bolsos e nada encontra. Comove-se e, por intuição, desapegado das coisas materiais, tira do dedo o anel simbólico de Médico e o entrega ao irmão necessitado, dizendo-lhe, com carinho e humildade:

Venda-o e, com o dinheiro, enterre o corpo de sua mulher e compre o que precisa.¹

Certa feita, acabada a sessão espírita, descera Bezerra de Menezes ainda emocionado, as escadas da Federação Espírita Brasileira, quando localizou um irmão, de seus 45 anos, cabelos em desalinho, com a roupa suja e amarrotada.

Os dois se olharam, Bezerra compreendeu logo que ali estava um caso todo particular para ele resolver. Oh! Bendito os que têm olhos no coração! E Bezerra os tinha e os tem. E levou o desconhecido para um canto e lhe ouviu, com atenção, o desabafo, o pedido:

- Dr. Bezerra, estou sem emprego, com a mulher e dois filhos doentes e famintos... E eu mesmo, como vê, estou sem alimento e febril!

Bezerra, apiedado, verificou se ainda tinha algum dinheiro. Nada encontrou nos bolsos. Apenas a passagem do bonde... Tornou-se mais apiedado e apreensivo. Levantou os olhos já molhados de pranto para o alto e, numa prece muda, pediu inspiração a Maria Santíssima, seu anjo tutelar e solucionador de seus problemas. Depois, virando-se para o Irmão:

- Meu filhos, você tem fé em Nossa Senhora, a Mãe do Divino Mestre, a nossa Mãe Querida?

- Tenho e muita Dr. Bezerra!

- Pois, então, em Seu Santíssimo Nome, receba este abraço.

E abarcou o desesperado Irmão, envolvente e demoradamente. E, despedindo-se, disse:

- Vá, meu filho, na Paz de Jesus e sob a proteção do Anjo da Humanidade. E, em seu lar, faça o mesmo com todos os seus familiares, abraçando-os, afagando-os. E confie Nela, no amor da Rainha do Céu, que seu caso há de ser resolvido.

Bezerra partira. A caminho do lar, meditava: teria cumprido seu dever, será que possibilitara ajuda ao irmão em prova, faminto e doente? E arrependia-se por não lhe haver dado senão um abraço. Não possuía nenhum dinheiro. O próprio anel de grau já não estava nos seus dedos. Tudo havia dado. Não tendo dinheiro, dera algo de si mesmo, vibrações, bom ânimo, moeda da alma, ao irmão sofredor e não tinha certeza de que isso lhe bastara... E, neste estado de espírito, preocupado pela sorte de um seu semelhante, chegou ao lar.

Uma semana passara-se. Bezerra não se recordava mais do sucedido. Muitos eram os problemas alheios. Após a sessão de outra terça-feira, descia as escadas da FEB. Alguém no mesmo lugar da escada, trazendo na fisionomia toda a emoção do agradecimento, toca-lhe o braço e lhe diz:

- Venho agradecer-lhe, Dr. Bezerra, o abraço milagroso que me deu na semana passada, neste local e nesta mesma hora. Daqui saí logo sentindo-me melhor. Em casa, cumpri seu pedido e abracei minha mulher e meus filhos. Na linguagem do coração, oramos todos à Mãe do Céu. Na água que bebemos e demos aos familiares, parece, continha alimento. Pois dormimos todos bem. No dia seguinte, estávamos sem febre e como que alimentados... E veio-me a inspiração, guiando-me a uma porta, que se abriu e alguém por ela saiu, ouviu meu problema, condeou-se de mim e me deu um emprego, no qual estou até hoje. E venho lhe agradecer a grande dádiva que o senhor me deu, arrancada de si mesmo, maior e melhor do que dinheiro!

O ambiente era tocante! Lágrimas caíam tanto dos olhos de Bezerra como do irmão beneficiado e desconhecido. E numa prece muda, de dois corações unidos, numa mesma força gratulatória, subiu aos Céus, louvando Aquela que é, em verdade, a porta de nossas esperanças, a Mãe Sublime de todas as mães, a advogada querida de todas as nossas causas!

Louvado seja Maria Santíssima!¹

Bezerra de Menezes foi um grande devoto de Maria Santíssima, a qual atendia sempre a seus divinos pedidos. Era ela o seu fanal de consolação. Na verdade, Bezerra não foi espírita desde que nasceu. Nascera em família afortunada e católica, a 29 de agosto de 1831, em Riacho do Sangue, na Província do Ceará. Cresceu em clima de severa dignidade, respeito e religiosidade. Devido à sua prestimosa inteligência, inerente a todos os espíritos superiores, distinguiu-se nos estudos desde cedo, sendo sempre o 1º aluno de sua classe. Em 5 de fevereiro de 1851, quando contava com 19 anos de idade, transferiu-se para a Corte (atual Rio de Janeiro) para fazer seu curso médico. Nesta época seu pai, homem de bom coração havia perdido a sua fortuna e não pode ajudar seu filho financeiramente em seus estudos. Foi através de lutas, privações e renúncias aos prazeres ilusórios do mundo, que Bezerra conseguiu, em 1856, doutorar-se em Medicina.

Para custear seus estudos e a subsistência própria, Bezerra de Menezes lecionava. Numa ocasião em que se achavam totalmente esgotados os recursos, de par com a urgência de pagar o aluguel da casa e acudir a outras necessidades inadiáveis, reclinado em sua rede, sem grandes sobressaltos, mas seriamente preocupado com a solução do caso, dava tratos à imaginação, em procura dos meios com que sair da dificuldade, quando ouve bater à porta. Era um desconhecido, que vinha nominalmente procurá-lo, e que, depois, ajustando um certo número de lições de determinadas matérias, tira do bolso um maço de células e paga antecipadamente o preço convencionado, ficando igualmente combinado para o dia seguinte o início das aulas.

Bezerra reluta em receber a importância adiantada. Por fim, lembrando-se de sua situação, resolve aceitá-la. Radiante com a inesperada e providencial visita, Bezerra de Menezes solveu os seus compromissos e ficou a esperar, no prazo estipulado, o novo aluno.

Mas nem no dia seguinte nem nunca mais lhe tornou este a aparecer. Foi, pois, uma visita mais misteriosa.

Intervenções da mesma natureza, posto que não revestidas de cunho misterioso idêntico, se haviam de reproduzir no curso de sua vida, quando, em mais de uma ocasião, faltando-lhe o necessário para as despesas indispensáveis, longe de se perturbar, sentava-se à mesa de trabalho e punha-se tranqüilamente a escrever. Aparecia-lhe sempre um consulente que, atendido, lhe deixava os recursos de que necessitava e que, com serena confiança na Providência Divina, tinha certeza de que lhe não faltariam.²

Casou-se em 6 de novembro de 1858, aos 27 anos, com D. Maria Cândida de Lacerda, pertencente a ilustre família. No fim de 4 anos, sua mulher desencarna, deixando-lhe dois filhos, um de 3 anos e outro de 1 ano. Este fato produziu em Bezerra um abalo físico e moral.

Todas as glórias mundanas que havia conquistado tornaram-se aborrecidas. Não tinha mais prazer de ler e escrever, suas duas maiores distrações e nada encontrava que lhe fosse lenitivo a tamanha dor.

É porque Bezerra, quando na Faculdade, na convivência de seus colegas, na maioria ateus, esquecera-se da sua crença católica que não fora firmada em uma fé raciocinada. Apesar disso, continuava a crer em dois pontos da religião católica: a crença em Deus e a existência da alma.

Um dia, um amigo seu lhe trouxe um exemplar da Bíblia, traduzido pelo padre Pereira de Figueiredo. Bezerra tomou o livro sem o intuito de lê-lo, mas folheando-o começou a ler e esqueceu-se nesta tarefa. Leu toda a Bíblia e percebeu que algo de estranho se passava em seu interior. Quando acabou, tinha a necessidade de crer novamente, mas não nesta crença imposta à fé, mas numa outra firmada na razão e na consciência. Atirou-se então à leitura dos livros sagrados, com ardor e sede. Mas havia sempre uma falha a que seu espírito reclamava.

Começaram a aparecer as primeiras notas espíritas no Rio de Janeiro. E, apesar de ouvir sobre esta nova Doutrina, Bezerra repelia-a sem conhecê-la, pois temia que ela perturbasse a paz que lhe trouxera ao espírito a sua volta à religião.

Um dia, porém, seu colega Dr. Joaquim Carlos Travassos, tendo traduzido o Livro dos Espíritos de Allan Kardec, presenteou-o com este livro. E tal como acontecera com a Bíblia, prendeu-se neste livro, lendo-o todo. Operou-se nele um fenômeno estranho. Ele sabia que nunca havia lido qualquer obra espírita, no entanto, tudo o que lia não era novo para seu espírito. Ele sentia como se já tivesse lido e ouvido tudo aquilo. São as lembranças da alma.

Foi assim que Bezerra de Menezes tornou-se espírita.

No entanto, assim com Allan Kardec com seu espírito crítico e observador não se deu logo a acreditar em todos os fenômenos ditos espíritas e iniciou, intimamente uma pesquisa experimental para comprovar os preceitos desta nova doutrina. Foi assim que surgiram em sua vida 3 casos que o surpreenderam muito. Vou relatar aquele que mais o impressionou e que, como ele mesmo relatou, se ainda fosse incrédulo, não poderia resistir à impressão que deixou em si semelhante fato. Eu estava em tratamento com o médium receitista Gonçalves do Nascimento, e este costumava mandar-me os vidros, logo que eu acabava uma prescrição, por um primo meu, estudante de preparatórios, que morava em minha casa, na Tijuca, a uma hora de viagem da cidade.

Meu primo costumava, sempre que me trazia os remédios (homeopáticos) da casa do Nascimento, entregar-me os vidros em mão, e nunca, durante 3 meses que já durava meu tratamento, me trouxe do médium recado por escrito, senão simplesmente os vidros de remédios, tendo no rótulo a indicação do modo pelo qual devia ser tomado.

Um dia, deixei de ir à Câmara dos Deputados, de que fazia parte, e, pelas duas horas de tarde, passeava, na varanda, lendo uma obra que me tinha chegado à mãos, quando me apareceu um vizinho, o Sr. Andrade Pinheiro, filho do Presidente da Relação de Lisboa, e moço de inteligência bem cultivada.

O Sr. Pinheiro não conhecia o Espiritismo, senão de conversa, e como eu fazia experiência em mim, ele aproveitava a minha experiência, para fazer juízo sobre a verdade ou falsidade da nova Doutrina.

Depois dos primeiros cumprimentos, perguntou-me como ia eu com o tratamento espírita.

Respondi-lhe com estas palavras: Estou bom; sinto apenas uma dorzinha nos quadris e uma fraqueza nas coxas, como quem está cansado de andar muito.

Conversamos sobre o fato de minha cura em três meses, quando nada alcancei com a medicina oficial, em cinco anos, e passamos a outros assuntos, até que, uma hora pouco mais ou menos depois, entrou meu primo com os vidros de remédios e com um bilhete, escrito a lápis, que me mandava Nascimento, e que dizia:

Não, meu amigo, não estás bom como pensas. Esta dor nos quadris, que acusas. Esta fraqueza das coxas, são a prova de que a moléstia não está de todo debelada. És médico e sabes que muitas vezes elas parecem combatidas, mas fazem erupções, porventura perigosas. Tua vida é necessária; continua teu tratamento.

É fácil compreender a surpresa, a admiração, o abalo profundo que se produziu na minha alma um fato tão fora de tudo o que tinha visto em minha vida. Repetiram-se, da cidade, textualmente, as minhas palavras, como só poderia fazer quem estivesse ao alcance de ouvi-las!

Efetivamente, calculado o tempo que leva o bonde da casa do Nascimento à minha, reconhecemos, eu e Pinheiro, que aquela resposta me fora dada na cidade, precisamente à hora em que eu respondia, na Tijuca, à interpelação de meu visitante.²

A data de 16 de agosto de 1866 tornou-se memorável na História do Espiritismo no Brasil, por um acontecimento que, nos meios políticos, religiosos e médicos, ecoou de maneira estrondosa, causando mesmo surpresa e desapontamento para muitos, principalmente para os da classe médica. É que, numa das costumeiras tertúlias que então se realizavam no grande salão da Guarda Velha, em que compareceram cerca de 2 mil pessoas da melhor sociedade, Bezerra de Menezes, então presente, pedindo a palavra, proclamou solenemente a sua adesão ao Espiritismo. Essa sua filiação à nova corrente religiosa foi como uma transfusão de sangue novo para a Doutrina no Brasil, a qual daí por diante entrou em ritmo mais acelerado.¹

Em 1895, em meio a divergências havidas na FEB, e como obteve a maioria absoluta dos votos, Bezerra de Menezes tornou posse da presidência da FEB. Durante toda a sua presidência (1895-1900) trabalhou ativamente e com muito ardor no propósito de congregar os espiritistas, e jamais esmoreceu na luta a bem da unificação geral, mantendo campanha sistemática em favor do estudo da nossa Doutrina e, sobretudo, seja pela palavra falada, seja pela palavra escrita, mostrava a completa, integral interdependência do Espiritismo e do Evangelho. Dizia mesmo que a pedra fundamental do Espiritismo, em sua pura concepção, era o Evangelho. Sem ele a Terceira Revelação não subsistiria e jamais se agigantaria nas consciências humanas.

Não obstante sua mansuetude, seu espírito fraternista, por excelência, pronta e decididamente saía à liça, como um leão, quando o Espiritismo era atacado, disposto a derrubar o inimigo, com as armas de sua inteligência, de sua dialética, de seus conhecimentos e de sua indômita coragem. Bezerra era um profundo conhecedor das ciências da vida e um filósofo por excelência. Nessas lutas, pouco se lhe dava que seus contendores ocupassem altos postos na política ou na administração pública, que gozassem do maior prestígio dos poderosos. Colocava, acima de seus interesses pessoais, a defesa do Espiritismo, desde que ela se fizesse necessária.²

Foi por este motivo que Bezerra de Menezes foi também intitulado de Kardec Brasileiro, porque foi ele, quem realmente no Brasil, estava preparado para difundir o Espiritismo pela inteligência, pela persuasão, pelos atos e, sobretudo, pelos exemplos edificantes.

Bezerra de Menezes também teve vida política. Foi vereador, deputado geral e até Presidente da Câmara Municipal. Durante 20 anos que esteve envolvido com a política, Bezerra foi muito querido e odiado. Prestou relevantes serviços ao município que o elegera e conquistou os foros de inteligente, ilustrado, ativo e honesto.

Em 21 de janeiro de 1865 casa-se novamente com a Sra. D. Cândida Augusta de Lacerda Machado, irmã materna de sua 1ª mulher, e com quem teve 7 filhos.

Bezerra de Menezes não fora, como alguns de seus admiradores supõem, um despreocupado com o dia de amanhã, com a assistência à família, com o futuro dos seus queridos entes familiares.

Sabia, como poucos, ater-se à disciplina do necessário, a desprezar o supérfluo, a não se apegar às coisas materiais. Aceitava o pagamento dos clientes que lhe podiam pagar e dava aos pobres e estropiados o que podia dar, inclusive algo de si mesmo. Sua família jamais passou necessidade. Todos seus familiares lhe tiveram a assistência permanente e o alimento espiritual de sus bons exemplos. Preocupava-se com o futuro de seu Espírito e dos Espíritos daqueles que o Pai lhe confiou.

E tudo corria bem, as dívidas eram pagas pontualmente, nenhum compromisso deixava de ser cumprido, os filhos eram educados cristãmente. Jesus morava em seu lar e dentro de seu coração e dos corações de seus queridos entes familiares, norteando-lhes a existência e fazendo-a vitoriosa.

Numa manhã, no entanto, houve no lar uma apreensão. A dispensa estava vazia, sem víveres para o jantar. Na véspera, Bezerra havia restituído a importância das consultas aos seus clientes pobres, porque, por intuição, compreendera que apenas possuíam o necessário para a compra dos medicamentos. Junto à esposa, ciente e consciente da situação, ficara a pensar. Vestira e saíra, consolando a querida companheira e dizendo-lhe:

- Não se preocupe, nada nos faltará, confiemos em Deus!

Ao regressar, à tardinha, encontra a esposa surpresa e um pouco agastada, que lhe diz:

- Por que tamanho gasto! Não precisava preocupar-se tanto, comprando alimentos de mais e que podem estragar-se..

- Mas, que aconteceu?

- Logo assim que você saiu, explica-lhe a esposa, recebemos uma carroça de alimentos...

E, levando-o à despensa, mostrou-lhe os sacos, os embrulhos, os amarrados de víveres, que recebera. Bezerra olhou para tudo aquilo e emocionou-se! Nada comprara e quem então lhe teria enviados tão grande dádiva se não Deus, através de seus bondosos filhos!

E, abraçado à querida consorte, refugiou-se a um canto da casa para a prece de agradecimento ao Pai de Amor, que lhe vitoria a Missão, confirmando-lhe o ideal cristão e como a lhe dizer:

- Por preocupar-se tanto como o próximo, com todos meus filhos, eu preocupo-me com você e todos os seus, também meus filhos!¹

Em plena doença, com o corpo inchado, vítima de anasarca, ainda hemiplégico, atendia aos seus inúmeros doentes que o visitavam, enviando-lhe no aceno das mãos, no sorriso dos lábios ou pelo olhar manso e bom, consolações e testemunhos de confiança na Virgem Santíssima!

Foram cerca de quatro longos meses de sofrimentos atrozes, de sublimes testemunhos, em modestíssimo e desguarnecido quarto de sua residência humilde, pois o impacto produzido por esse mal violentíssimo o privava de qualquer movimento e da própria fala. Apenas seus lindos olhos verdes se moviam e falavam naquela linguagem misteriosa da expressão nascida da pureza de seu coração e da grandeza extraordinária de sua fé de apóstolo.

Bezerra fez questão de que os remédios fossem prescritos pelas entidades espirituais, e de receber passes mediúnicos, indo os médiuns à sua residência, para esse fim caridoso.

A miséria passara a residir em seu lar, e faltar-lhe-iam a própria alimentação e os remédios para amenizarem o seu grande martirologio físico, não fossem os corações bondosos e agradecidos que, em verdadeira romaria, afluíam dia e noite de seu calvário, para levar-lhe a sua solidariedade e o testemunho de seu reconhecimento, postando-se, um de cada vez, diante de seu leito, enquanto ele, com os olhos lacrimosos, agradecia, assim, através dessas lágrimas, que eram realmente a palavra de sua alma, a voz de seu sentimento.

E essas almas generosas, amigas e agradecidas, que dele tantos e tantos benefícios haviam recebido, sigilosamente iam deixando, sem que disso ele se apercebesse, desde a moedinha da espórtula da viúva, como nos fala o Evangelho, até as cédulas de vários valores, debaixo do travesseiro em que ele descansava a cabeça de apóstolo do Evangelho em espírito e em verdade.²

No dia 11 de abril de 1900, sentindo que se aproximava a hora de seu decesso, pediu que o ajudassem a levantar-se um pouco e, com a cabeça erguida, olhos voltados para o Alto, assim orou, baixinho e entra lágrimas, deixando-os suas últimas palavras como a Lição permanente da sua grandeza Espiritual, de seu Espírito totalmente libertado dos vícios e ligado à causa cristã:

Virgem Santíssima, Rainha do Céu, Advogada de nossas súplicas junto ao Divino Mestre e a Deus todo poderoso, eu te peço não que deixe de sofrer mas que meu pobre espírito aproveite bem todo o sofrimento e te peço pelos meus irmãos que ficam, por esses pobres amigos, doentes do corpo e da alma, que aqui vieram buscar no teu humilde servo uma migalha de conforto e de amor. Assiste-os, por caridade, dá-lhes, Senhora, a tua Paz, a Paz do Cordeiro de Deus que tira os pecados do Mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo! Louvado seja Teu nome! Louvado seja o Nome de Jesus! Louvado seja Deus!¹

E desencarnou!

Gente de toda a cidade do Rio, especialmente dos morros, das favelas, gente humilde, descalça, maltrapilha, os pobres de espírito, os humildes de coração, beneficiados pela Medicina do seu amor, ali se achavam em mistura com outra gente rica e poderosa, pertencente ao mundo oficial do Governo.¹

Na noite de 12 de abril de 1900, às sete horas, houve a habitual sessão comemorativa da Ceia do Senhor, na FEB. Todos que ali estavam ouviram, pela maravilhosa mediunidade de Frederico Pereira da Silva Júnior, a palavra querida do Espírito do nosso Bezerra de Menezes.

Sua mensagem foi longa, e nela mais de uma vez, humildemente, agradeceu a Deus, a Jesus e a Virgem Santíssima as bênçãos divinas que misericordientemente recebia na pátria espiritual, dizendo:

Baixai vossos olhos sobre os meus amigos! São também vossos filhinhos, como eu, que aflito gemi e padece na Terra, sempre com os olhos cravados em vós. Dai que eles possam compreender, ó Virgem Imaculada(...), esse amai-vos uns aos outros, certos, convencidos de que o amor que desdobrarem das suas almas, para os seus irmãos, evola-se, libra-se aos páramos onde está o vosso amado Filho, é o amor elevadíssimo que nos vem com Jesus.(...) Obrigado a todos vocês. Bezerra estará sempre unido aos vossos corações. O Bezerra pede a Deus, e Deus há de permitir que ele continue a trabalhar, a produzir a seara bendita.²

No dia 11 de abril de 1950, ocorre no plano espiritual uma reunião para homenagear os 50 anos de desenlace do Dr. Bezerra de Menezes. Chico Xavier foi um dos convidados. Bezerra achava-se naquele ambiente de luz e emoção, sinceridade e gratidão e vivendo com grande emoção aqueles momentos em que recordava dos 69 anos vividos na Terra como o Médico dos Pobres, o Irmão dos sofredores, o Discípulo humilde e sincero de Jesus e o Kardec Brasileiro.

De repente, sob a surpresa dos que compunham a grande assembléia, de mais Alto, uma Estrela luminescente dá presença. Era Celina, a enviada da Virgem Santíssima, que chega e lê a sua mensagem, promovendo Bezerra a uma Tarefa Maior e numa Esfera mais Alta. O Evangelizador Espírita chora emocionadíssimo e ajoelha-se agradecendo entre lágrimas, à Mãe das Mães a graça recebida, suplicando-lhe, por intermédio de sua enviada sublime, para ficar no seu humilde Posto, junto à Terra, a fim de continuar atendendo aos pedidos de seus irmãos terrestres que tantas provas lhe dão de estima e gratidão.

O espírito luminoso de Celina sobe às esferas elevadas donde veio e se dirige aos pés da Mãe Celestial, submetendo à sua apreciação o pedido de seu servo agradecido.

Daí a instantes, volta e traz a resposta de Nossa Senhora:

- Que sim, que Bezerra ficasse no seu Posto o tempo que quisesse e sempre sob suas bençãos!

E da Terra e do Além partem vozes em Prece!¹

Bezerra de Menezes que, na Terra, foi o extraordinário arauto do Evangelho, simbolizado na sua fé, na sua ação, no seu trabalho, no seu amor, nos seus pensamentos e na sublime caridade que praticava sempre em todas as horas de seu viver, continua ainda nas etéreas regiões, por intermédio dos mais diversos médiuns existentes em todo o Brasil, distribuindo as flores mais belas e mais viçosas, nascidas de seu coração aos que sofrem, gemem, choram e desesperam, em virtude de seus padecimentos físicos e morais.²

É o caso de Deolindo Amorim que em carta dirigida a Ramiro Gama dá seu depoimento sobre o acontecimento extraordinário que acontecera em seu lar.

Costumava freqüentar uma sessão mediúnica, dirigida pelo coronel Antônio Barbosa da Paixão (um dos primeiros espíritas, que conheci no Rio de Janeiro), muito próxima da pensão onde eu morava. Certa noite, ao deixar a sessão em casa do coronel, ainda sob os efeitos do bom ambiente que eu levava do Centro, bem calmo e confortado, cheguei em casa tarde da noite e encontrei minha filha mais velha que tinha apenas 1 ano com dores fortes, sem dormir, chorando muito, apresentando contorções um tanto esquisitas. Minha mulher, com a menina nos braços, não conseguia melhorar a situação.

Quando vi o quadro, lembrei-me logo de fazer uma prece e pedir auxílio do Espírito de Bezerra de Menezes, que já me beneficiou mais de uma vez, em circunstâncias especiais. Como eu estava sob influência de ambiente sadio da sessão mediúnica, havia uma predisposição psicológica para o ato da prece.

Então, deitei-me naturalmente, como se fosse dormir, e fiz sinal a minha mulher que ficasse onde estava, com a menina nos braços, enquanto eu fazia a prece, comecei a sentir uma espécie de frio na mão direita e, deitado mesmo, ainda com os olhos fechados, apliquei o passe. Fi-lo com toda a confiança, porque já estava sentindo as irradiações desse bondoso Espírito. Resultado: à medida que aplicava o passe, de lá, da cama onde estava, pois a menina continuava distante, no quarto, ela ia ficando calma, ia deixando de chorar e, por fim, quando terminei o passe, com a prece, a menina já estava dormindo.

Minha mulher pô-la no berço, tudo voltou ao estado de calma e, no dia seguinte, a criança amanheceu rindo, como sempre, como se nada houvesse acontecido antes. Senti, aí, mais uma vez, pois tenho várias experiências pessoais, o poderoso recurso da prece, como também senti a vibração caridosa desse espírito iluminado, que se chamou, entre nós, Adolfo Bezerra de Menezes.²

As mensagens de Bezerra transmitidas por diferentes médiuns, fazem-nos sentir que o Espiritismo é a força propulsora das verdades eternas, reerguendo-nos do lodaçal de nossos vícios e misérias. Bezerra de Menezes é para todos os que mourejam em terra do Coração do Mundo, a âncora de salvação, quando o infortúnio os atinge. Milhões de vozes pedem diariamente o seu socorro... Milhões de corações agradecem a esse grande benfeitor as dádivas do seu amor!

Bezerra de Menezes vive nos corações de todos os spiritistas do Cruzeiro do Sul!²

(COMPILADO PELO DEPARTAMENTO DE DOCTRINA DA SOCIEDADE JAUENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS)